

O Ensino e a Formação na Terceira Idade:

As Universidades para a Terceira Idade

Ana Maria Moutinho Ferreira
Rua Fradique Morujão, 356
4460 - 322 Senhora da Hora
ammferreira@gmail.com

Resumo

O crescimento numérico das populações idosas (entendidas como aquelas que têm 65 e mais anos) é, actualmente, um fenómeno mundial cuja difusão revela diferenciais quanto ao volume envolvido, ao ritmo de crescimento apresentado ou aos diferentes tipos de relações que estabelecem com inúmeras outras variáveis.

Assim, o desafio que as sociedades enfrentam hoje é o de encarar as questões do envelhecimento da população como o estudo das possibilidades efectivas de se congregarem saberes e necessidades de uma população menos jovem (mas cujo tempo de vida após a reforma é cada vez mais longo), com as próprias necessidades e capacidade de resposta da sociedade face a esta população.

Ao promoverem o ensino para idosos e direccionarem as propostas para actividades essencialmente curriculares (científico-culturais) ou para actividades de inserção noutras instituições da comunidade, as Universidades para a Terceira Idade promovem a participação cívica e cultural dos idosos e permitem a cada um (re)ocupar o seu lugar na sociedade.

Abstract

The growing number of the ageing population (by which we understand 65 years or older) is nowadays a global phenomenon whose diffusion reveals different types of relations which establish numerous other variables.

So, nowadays the challenge of societies is to face the question of the ageing of the population studying the real possibilities of convening knowledge and necessities of the less young population (but whose lifetime after retirement is getting longer all the time), with the necessities themselves and the capacity of reply of the society with regard to this elderly population.

Promoting formal teaching, with curricular scientific and cultural activities or implementing programmes of making older people take part in the social and

cultural city-life, Senior Citizens Universities contribute to (re)integrate them in society, redeeming their citizenship and their participation.

Résumé

L'accroissement numérique des populations âgées (celles qui ont 65 années et plus) est, aujourd'hui, le phénomène mondial dont la diffusion révèle de grandes différences en ce qui concerne le volume, le rythme d'augmentation présenté ou les rapports qui s'établissent avec d'autres innombrables variables.

Ainsi, le grand défi que les sociétés affrontent aujourd'hui est celui de se poser les questions du vieillissement de la population comme l'étude des possibilités concrètes de rassembler le savoir et les besoins de la moins jeune population (mais qui vit chaque fois plus longtemps après la retraite), avec les besoins et la capacité de réponse de la société face à cette population.

Les Universités pour le Troisième Âge encouragent l'enseignement pour les personnes âgées en proposant des activités curriculaires (scientifiques et culturelles) et aussi des activités qui fomentent la participation des personnes âgées dans d'autres institutions de la communauté, en encourageant la participation civique et culturelle, ce qui permet à chacun de (re)occuper sa place dans la société.

INTRODUÇÃO

O crescimento numérico das populações idosas (entendidas como aquelas que têm 65 e mais anos) é, actualmente, um fenómeno mundial cuja difusão revela diferenciais quanto ao volume envolvido, ao ritmo de crescimento apresentado ou aos diferentes tipos de relações que estabelecem com inúmeras outras variáveis. À medida que o processo se amplia apresenta questões desafiadoras envolvendo políticas públicas para sociedades que estão a mudar, quer à escala nacional quer local, desafia as economias, as famílias e os próprios idosos.

Hoje o desafio que as sociedades enfrentam é o de encarar as questões do envelhecimento da população como o estudo das possibilidades efectivas de se congregarem saberes e necessidades de uma população menos jovem (mas cujo tempo de vida após a reforma é cada vez mais longo), com as próprias necessidades e capacidade de resposta da sociedade face a esta população.

1. O envelhecimento demográfico nas sociedades desenvolvidas contemporâneas

As sociedades desenvolvidas contemporâneas caracterizam-se, em especial a partir da segunda metade do séc. XX, pelo envelhecimento demográfico. Não se trata de nenhuma epidemia ou doença mas de uma simples constatação quantitativa: o ritmo de crescimento das populações idosas está a aumentar enquanto a população total tem tendência a estabilizar os seus ritmos de crescimento ou até mesmo a diminuir (NAZARETH, J., 1996).

Na União Europeia, entre 1960 e 2000, os habitantes com 65 e mais anos de idade passaram de 34 para 61 milhões, o que equivale a 16% da população total e 24% da população em idade activa (15 a 65 anos).

Em 2001, a população portuguesa com 65 ou mais anos era de 1 709 100 indivíduos, 16,5% da população total do país. O peso relativo desta população tem vindo a aumentar e, tal como em todos os países desenvolvidos, apresenta uma tendência crescente nas próximas décadas, em consequência da conjugação de dois factores: o aumento da esperança de vida e a diminuição da natalidade.

Este acréscimo relativo da população mais velha na sociedade, não só em termos absolutos mas especialmente em termos relativos (dada a diminuição dos outros grupos etários) faz com que as preocupações actuais se voltem para este grupo etário cujo ritmo de crescimento tem vindo a aumentar.

Apesar de, como afirma M. Nazareth (1996) não existirem “«pessoas idosas a mais» numa sociedade” a realidade é que se torna cada vez mais urgente pensar nas consequências do envelhecimento demográfico, ao equilíbrio sócio-económico dos diferentes países, nomeadamente porque, tradicionalmente, o envelhecimento demográfico se limitou a ser analisado nas seguintes dimensões:

- Relativo declínio da população activa e envelhecimento da mão de obra;

- Pressão sobre os regimes de pensão social e das finanças públicas, provocada pelo número crescente de reformados e pela diminuição da população em idade activa;
- Necessidade crescente de cuidados de saúde e assistência a pessoas idosas;
- Pressão social resultante de inactividade abrupta que cria sentimentos de inutilidade, rejeição e afastamento.

Ou seja, havia um sentimento generalizado de que o envelhecimento demográfico estava invariavelmente associado a um conjunto de perdas na sociedade, pois historicamente se foi “provando” que o envelhecimento enfraquece o dinamismo, dado que os velhos se mostram adversos à mudança, portanto à modernização, criando mesmo dificuldades às iniciativas mais ousadas.

Sabendo que o envelhecimento demográfico está necessariamente associado a população retirada da vida activa, então a questão coloca-se hoje, antes de mais, no próprio conceito de “terceira idade” ou “velho” que se encontram completamente ultrapassados. Efectivamente, hoje, são cada vez mais as pessoas que não esperam pelo momento de serem empurradas para a reforma e optam pelo seu direito a fazerem finalmente o que querem da sua vida. Os “velhos” são, assim, pessoas com tempo livre, com uma séria experiência profissional recente, com uma preparação académica e prática, em muitos casos considerável, com um estado de saúde e de vitalidade iguais a muitos outros cidadãos. Não se reconhecem como “velhos trabalhadores” mas antes como “menos jovens retirados” do trabalho profissional que, quando confrontados com as suas expectativas de vida muitas vezes se sentem confusos, tendo apenas como projecto “aquilo que não querem”.

E o que não querem é associar-se às tradicionais soluções da política de apoio à Terceira Idade.

São cada vez mais necessárias actividades que valorizem o idoso e seus saberes, que lhes permitam manter a auto-estima e encarar a reforma como mais um estágio da sua vida e não como o último patamar.

Como afirma Groisman (1998), a velhice actual "não é um problema social é, antes de mais nada uma construção social".

Esta mudança de mentalidades passa obrigatoriamente por medidas que permitam aos aposentados, que o desejem, ter uma participação activa em diversos sectores, intervindo assim na dinâmica social, cultural e económica da região, promovendo os fluxos intergeracionais de recursos (dos mais velhos para os mais jovens), ou seja, pela concretização de iniciativas que promovam as relações intergeracionais que afirmam o papel dos idosos na sociedade e valorizam os seus conhecimentos e competências.

2. A importância da educação para idosos: as Universidades da Terceira Idade

Ao considerarmos a educação para idosos podemos salientar duas perspectivas teóricas: uma que concebe a educação como estratégia de "socioterapia", promovendo e estimulando a integração social. Nesta perspectiva, a educação é um instrumento de promoção social. A segunda concebe um envelhecimento melhor para aqueles que mantêm a mente activa através de actividades educativas. Nesta perspectiva, a educação é simultaneamente uma espécie de ginástica mental - que evita a deterioração das actividades cognitivas - e um instrumento para aquisição de novos conhecimentos.

Terá sido de acordo com estas convicções que surgiram na década de 70 em França as primeiras Universidades para a Terceira Idade e os seus princípios básicos mantêm-se inalteráveis ainda hoje: Proporcionar aos mais velhos a possibilidade de aprenderem ou ensinarem e promover o convívio salutar e útil entre gerações dando primazia à divulgação cultural e científica.

Assim, ao promoverem o ensino para idosos, estas instituições surgem igualmente como facilitadoras da “socioterapia”. Esta define-se como o ocupar do tempo livre com actividades de lazer, visando a promoção da sociabilidade e o desenvolvimento da personalidade individual, sem que isso seja feito através de reflexões teóricas e sem um compromisso com a “qualidade” académica.

Nas UTI’s esta “qualidade” revela-se na qualificação dos técnicos e na produção de pesquisas, artigos, participação em congressos ou outros eventos.

Ao mesmo tempo, têm como objectivo contribuir para reduzir o isolamento e solidão dos idosos, e reintegrá-los na sociedade, resgatando a sua cidadania e a sua participação na produção de novos valores, bem como actuar na redefinição das imagens da velhice e do envelhecimento, e das relações entre gerações, aproximando-se, com esses objectivos, das propostas mais gerais dos centros de convivência.

As UTI’s partem da concepção de que são para todos, independentemente dos aspectos discriminatórios característicos das sociedades desenvolvidas, no que concerne à classe social, crença, cor, raça, cultura e ideologia política. O que importa é a sensibilização e mobilização da população em geral para a consciência do novo perfil demográfico, o aumento da população idosa e a necessidade de implementar acções com vista a contribuir para o exercício de cidadania do idoso e melhoria da sua qualidade de vida.

O idoso precisa interagir na sociedade, participar de actividades que sejam simultaneamente saudáveis e lhe permitam uma ocupação da mente. Ao contrário do que se pensava, os idosos podem e devem manter uma vida activa. A busca de uma vida com qualidade, (onde se vão suprindo as carências no que se refere à afectividade e às expectativas de cada um) é a alavanca do bem-estar, da felicidade e, conseqüentemente, da longevidade.

Envelhecer bem depende da activação dos recursos pessoais e da sociedade que permitam às pessoas adaptarem-se e sentirem-se bem diante das mudanças evolutivas dessa fase da vida.

Neste sentido, as Universidades da Terceira Idade, para além da ocupação dos tempos livres dos idosos com actividades educativas e culturais, apresentam como Vantagens:

- Fomentar a formação ao longo da vida;
- Promover a intergeracionalidade;
- Maximizar o capital intelectual da população idosa
- Integração na sociedade;
- Desenvolver actividades desportivas e recreativas;
- Reforçar laços de amizade;
- Adquirir conhecimentos;
- Transmitir conhecimentos
- Sentir-se útil;
- Não se sentir só;
- Reforçar a confiança em si mesmo.

Assim, estas instituições são uma mais valia para manter a teia das relações sociais na família e na comunidade em que os idosos se inserem. As actividades desempenhadas podem contribuir para partilhar ideias, sonhos, construir projectos e trocar conhecimentos adquiridos ao longo de toda uma vida.

Para além disso, o facto de ser aluno dá às pessoas idosas um sentimento renovado de importância e de finalidade, algo por que esperar, até mesmo a força para lutar contra uma doença e para conquistar novas esperanças. A “Universidade” funciona como:

1. Estímulo à aprendizagem

A produção do conhecimento é um processo contínuo e permanente, portanto, é sempre inacabado, abrindo perspectivas para novas hipóteses e questões de pesquisa. Contribui para a estimulação do exercício e a manutenção da memória dos idosos, o que contribui directamente para o seu modo de viver e envelhecer.

Conceber a pessoa idosa em constante construção deve ser um dos objectivos de qualquer Universidade, como condição para envelhecimento saudável, activo e estímulo ao exercício da cidadania que possibilite a inserção em contexto sócio-cultural, de modo que os idosos se sintam responsáveis pela qualidade de vida individual e colectiva.

Os idosos não só apreendem informação importante para viver e envelhecer do ponto de vista psicossocial mas praticam o conhecimento, reconstruindo o seu estilo de vida ou adoptando uma nova forma de promover a longevidade com melhor qualidade de vida.

A aprendizagem constante pode retardar as consequências funcionais do processo de envelhecimento. As pessoas que exercitam o processo de aprendizagem tendem a manter as suas faculdades mentais num óptimo nível. As Universidades para a Terceira Idade contribuem para a manutenção/activação da memória e da cognição, no sentido de evitar o “esquecimento”.

2. Melhoria da Auto-estima

Para entendermos a vida e os desafios que a acompanham, precisamos de satisfazer uma necessidade básica, a qual constitui o fio condutor de outras necessidades vitais, a auto-estima. Ao participarem nas diversas actividades, os idosos passam a sentir-se mais activos e com entusiasmo para a vida.

3. Recuperação da autonomia/independência

A reforma antecipada, em muitos casos, restringe a pessoa a esse orçamento, reduzindo a motivação para continuar a trabalhar. Ao mesmo tempo, o reformado sofre uma marginalização social, quando a sociedade e a família deixam de acreditar nas suas potencialidades.

Muitas vezes surgem problemas de saúde que geram incapacidades físicas que, aliadas ao isolamento e ociosidade geram incapacidade mental no idoso, impedindo-o de continuar activo na comunidade.

Tudo isto é minimizado ou mesmo ultrapassado se o idoso participar em actividades que lhe devolvam a confiança em si próprio, o que lhe permite recuperar a autonomia.

4. Interação social

A interacção social é uma necessidade do Homem, pois este, como ser social, não consegue viver sozinho, nem ser auto-suficiente. Mas “a Universidade oferece aos seus participantes a possibilidade de ampliação do círculo de amizades com um grupo específico de pessoas, especialmente com aquelas interessadas a partir de uma certa idade, em ampliar a sua instrução e ilustração” (DEBERT, 1997) pois a grande aposta das universidades seniores é oferecer actividades variadas estimuladoras da interacção social envolvendo todas as camadas sociais, partindo do pressuposto de que a universidade é para todos, independentemente do estrato social, credo, raça, escolaridade ou outros.

5. Diminuição do estigma

A concepção da sociedade ocidental acerca do processo de envelhecimento é a de ver somente a condição de capacidades da pessoa, aquilo que “ainda faz” ou “já não faz”. Sem oportunidades, rapidamente atrofia as capacidades que desenvolveu na vida adulta, tornando-se, de facto, um ser limitado.

Os programas das universidades seniores oferecem aos seus estudantes não só a oportunidade de aprender mas de conhecer novas pessoas e promover a integração social, aprendendo novos comportamentos e rompendo com o estigma social da velhice.

6. Melhoria da saúde

Ao participar nas universidades seniores, os idosos apreendem estratégias de promoção da saúde. Estas instituições contribuem efectivamente para a saúde enquanto bem-estar na velhice, visto que promovem uma mudança no estilo de vida dos idosos, nas suas várias dimensões, envolvendo aumento da auto-estima, interacção social, estímulo à aprendizagem, recuperação da autonomia e independência, diminuição do estigma tanto pessoal quanto do grupo pois como destaca Neri (1991) “há forte relação entre saúde, bem-estar, crença de auto-eficácia e a capacidade do indivíduo de actuar sobre o ambiente e sobre si próprio”.

O leque de actividades propostas, estendendo-se da área meramente cognitiva (participação em conferências, seminários, debates) ao domínio psicomotor (ginástica, natação, danças de salão,...), estimula um maior dinamismo, promovendo a saúde enquanto bem-estar físico, mental e social.

7. Aumento da satisfação

Admitindo a satisfação como sentimento de contentamento, prazer este que constitui uma necessidade vital de todo o ser humano, traduz-se em sentimento que move as pessoas ao desempenho de todas as actividades, impulsiona a pessoa à vontade de viver. Assim, notamos que as Universidades para a Terceira Idade estimulam os seus alunos à vida, fazendo renascer a energia que move a vida, o prazer. Estas instituições “apresentam a velhice como uma etapa privilegiada da vida, voltada para a satisfação pessoal e o prazer” (LIMA, 1999).

Deste modo, as UTI, ao seleccionarem as actividades a propor aos alunos, privilegiam aquelas que estimulam a comunicação, criatividade, sensibilidade e contacto interpessoal, e eliminam as actividades que provocam a fadiga e esforço.

É fundamental que as actividades provoquem bem-estar pois através delas são activadas emoções, tais como alegria, harmonia, prazer, afecto.

Em suma, podemos afirmar que o “saber” é dos principais produtos oferecidos e aquele que torna as suas actividades distintas das oferecidas por outras instituições para a terceira idade, simbolizado pela sua inserção num meio universitário ou pela qualificação académica dos seus *experts*. Embora, sobretudo considerando a perspectiva dos alunos, muitas actividades não possam ser, com clareza, definidas como didácticas ou recreativas. (LIMA, 1999)

A generalização do termo “universidade” justifica-se, talvez, por envolverem actividades que visam à formação por meio de conferências e palestras, produção do conhecimento através de pesquisas, ou por desenvolver as suas actividades dentro do *campus* universitário (LIMA, 1999).

A experiência e a sabedoria que a idade confere podem ser amplamente utilizadas nestas universidades como auxiliares para os outros e para os próprios indivíduos, ajudando-os a construir um futuro melhor. O objectivo é reconquistar uma posição importante no seio da família e da comunidade, que é sua por direito.

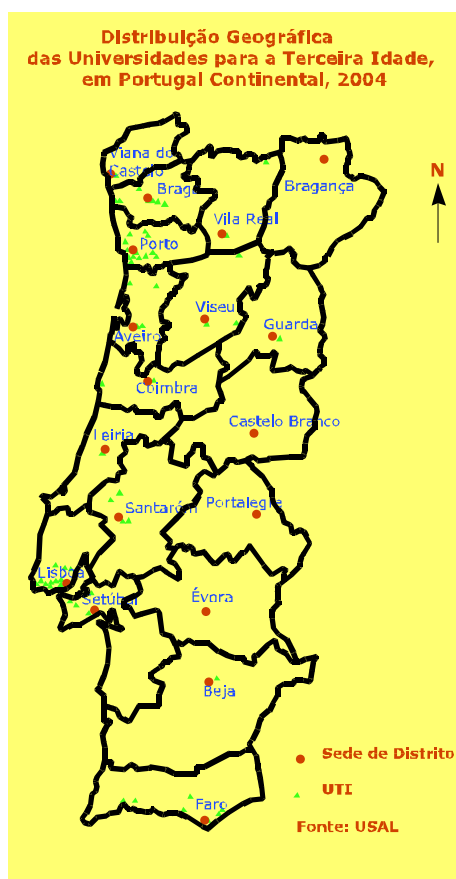
Deste modo, podemos afirmar cada vez mais que envelhecer é uma aprendizagem. E, mais importante do que adicionar anos à vida é dar vida aos anos conquistados.

Então deve ser estimulada a implementação de iniciativas/actividades que permitam um exercício da cidadania activa sem limite de idades.

3. As Universidades da Terceira Idade em Portugal

Tendo sido criadas em França na década de 70, as Universidades para a Terceira Idade rapidamente se difundiram noutros países europeus, chegando a Portugal em 1976, com a criação da Universidade Internacional da Terceira Idade de Lisboa, pelo Dr. Herberto Miranda.

No nosso país, existem actualmente 58 universidades, institutos ou academias seniores (a maior parte das quais surgiram nos cinco últimos anos), frequentadas por cerca de 10 000 alunos, sendo as maiores a Universidade de Lisboa da Terceira Idade (ULTI) e a Universidade Autodidacta e da Terceira Idade do Porto (UATIP), com mais de 500 alunos cada uma.



Apesar da natural concentração destas instituições no litoral (à semelhança dos restantes serviços), hoje é já notória uma dispersão por todo o território continental, o que mostra o importante papel que estas instituições têm vindo a desenvolver na sociedade portuguesa.

Todas as UTI's ministram cursos e disciplinas, privilegiando a divulgação cultural e científica, sendo as aulas complementadas com actividades recreativas e de lazer tais como teatro, dança, ginástica, grupos corais, artes plásticas e passeios.

Ao contrário da nossa vizinha Espanha, e mesmo do resto da Europa, em Portugal

apenas uma instituição de ensino superior apresenta um departamento dedicado à formação de seniores, pelo que existem apenas as Universidades da Terceira Idade que são instituições completamente independentes do Ministério da Educação e do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, onde é ministrado um ensino informal.

O Ministério da Educação permite a designação de "Universidade" desde que as UTI's se comprometam a não atribuir nenhum tipo de certificados ou grau académico dos cursos ministrados (DL nº 252/82 de 28 de Junho). Assim, em termos gerais, as UTI's funcionam fora do sistema escolar, segundo os

princípios básicos do ensino informal e, na maior parte dos casos, com professores voluntários.

Passando agora para uma escala regional, e limitando a análise ao território da Área Metropolitana do Porto, gostaríamos de afirmar, antes de mais, que, aqui, 13,8% da população tem 65 e mais anos, já se encontra retirada da vida activa convencional, mas a maioria está em perfeitas condições de uma vida socialmente útil, com a qual a região pode contar.

Acresce que, no país, é precisamente o concelho do Porto aquele que apresenta o maior número de UTI's, o que se deve essencialmente à capacidade que estas instituições mostraram em implementar fórmulas concretas de implicar as pessoas na vida social e cultural da cidade, não se limitando a ser uma espécie de Ocupação de Tempos Livres para as pessoas menos jovens.

A quantidade de projectos que têm surgido no Porto, necessariamente diferentes de acordo com as instituições em que se inserem e orientações sócio-económicas que os legitimam, bem como a dispersão geográfica no território urbano têm permitido à população da cidade uma variedade de oferta que melhor pode satisfazer as suas necessidades e motivações.

Orientando a sua acção de modo distinto, as UTI's da cidade vão respondendo às diferentes solicitações de uma população idosa também ela com características sociais, culturais, económicas e mesmo relacionais muito variadas.

Ao direccionarem as propostas para actividades essencialmente curriculares (científico-culturais) ou para actividades de inserção noutras instituições da comunidade, através de protocolos de colaboração, as UTI's promovem a participação cívica e cultural dos idosos e permitem a cada um (re)ocupar o seu lugar na sociedade pois, inserir os idosos na sociedade não é dar-lhes apenas a possibilidade de ser público face aos diferentes eventos culturais, desportivos ou de lazer é implicá-los nas instituições e dar-lhes a possibilidade de colaborar, em especial nas instituições culturais que poderão ver num trabalho sério de voluntariado a minimização de alguns dos seus problemas de contratação de

peçoal, o que envolve verbas que a maior parte das instituições em causa não dispõe.

Se considerarmos que na área do Grande Porto existem (2002) 22 museus e outros espaços semelhantes, 69 galerias de arte e similares, 193 bibliotecas, para além das escolas, desde o 1º ciclo ao secundário, e todas estas instituições enfrentam diariamente graves problemas com a falta de pessoal técnico especializado e auxiliares, estamos a desperdiçar todo o potencial de 174 027 pessoas que tendo 65 ou mais anos de idade, não estão na grande maioria impossibilitadas de colaborar com essas instituições. Acresce todo o trabalho de consultoria e apoio que pode ser prestado às empresas (em especial pequenas e médias empresas) que dispõem de poucos recursos para contratação de técnicos especializados e que veriam nestes seniores uma mais-valia considerável nas suas empresas.

Deste modo, as UTI's desempenham um papel fundamental na sociedade, uma sociedade cada vez mais envelhecida mas onde, sem descartar a responsabilidade do Estado e das autoridades, é possível descobrir formas de despertar nas pessoas mais velhas uma participação mais activa e consciente como cidadãos, pois, longe de se apresentarem como alunos de atitude meramente passiva nas actividades lectivas que estas instituições propiciam, os alunos são chamados a intervir.

Estamos assim a cumprir o Plano de Acção resultante da segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento que estabelece entre as medidas a tomar que se deve:

- “- dar às pessoas idosas a possibilidade de participar plena e realmente na vida social, económica e política da sociedade em que vivem, nomeadamente em actividades remuneradas ou de voluntariado;
- permitir a cada um assegurar o seu desenvolvimento individual e o seu bem-estar ao longo da vida e no fim da vida graças, por exemplo, à aprendizagem ao

longo da vida e à participação nas actividades da comunidade, reconhecendo que os idosos não formam um grupo homogéneo” (NAÇÕES UNIDAS, 2002). São exactamente estas as grandes linhas de rumo das UTI’s que vão surgindo na cidade e no país, apesar de, naturalmente realizarem actividades diferentes de acordo com o seu contexto socio-económico e cultural.

A sociedade ganha claramente não só com o desempenho dos mais velhos mas com o seu grau de satisfação e qualidade de vida. Os mais velhos readquirem o seu lugar na sociedade, o que aumenta a sua auto-estima e a sua qualidade de vida.

Como afirmou o presidente do governo espanhol, José Maria Aznar, no discurso de encerramento da 2ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, “não se trata portanto de «lhes dar a impressão que são úteis» mas de nos convenceremos que eles o são realmente e de lhes permitir demonstrá-lo”.

CONCLUSÃO

O aumento crescente do peso dos mais velhos na sociedade tem proporcionado uma maior reflexão sobre o papel dos idosos na sociedade e em particular sobre a sua integração enquanto cidadãos. Se considerarmos que “O indivíduo pode ler em seu corpo sinais do tempo, ao mesmo tempo em que nele pode escrever um projecto de envelhecimento” (LIMA, 1999), acreditamos que o envelhecimento é cada vez mais encarado como uma experiência pessoal que tende a ser vista como uma opção individual frente a um leque variado de produtos e serviços, e não mais uma imposição do passar dos anos.

O convívio com os alunos das Universidades da Terceira Idade permite-nos compreender que buscam no “consumo” do saber que lhes é oferecido, ou mesmo no simples facto de participarem de um espaço caracterizado pelo “saber”, não apenas uma “receita” de “envelhecimento adequado”, mas contributos para a construção auto-reflexiva das suas identidades. Participar

das actividades representa a escolha de um modo de gerir a experiência de envelhecer e o exercício dessa responsabilidade individual (LIMA, 1999).

O aspecto simbólico da universidade tem um papel importante na dualidade saber/lazer, não apenas para a instituição, mas também para os seus alunos. Frutuoso (1996) e Guerreiro (1993) destacam o peso simbólico da Universidade na opção por frequentar uma UTI. A valorização da universidade no universo social a que pertencem os alunos é comum, não apenas pelo facto de uma parte desses alunos ter curso superior, mas também por terem filhos e/ou netos a estudar, ou mesmo já licenciados, para além da universidade estar normalmente associada ao saber e à possibilidade de ascensão social, profissional e mesmo existencial.

Se, como afirmou, Brecht, *“Há homens que lutam um dia e são bons; há outros que lutam um ano e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons; mas há os que lutam toda a vida. Estes são imprescindíveis”*, então as Universidades para a Terceira idade podem contribuir para que todos sejamos imprescindíveis.

BIBLIOGRAFIA

BOND, J. et al (1993) – *Ageing in Society: an Introduction to Social Gerontology*, 2 Edition, Sage Publications Ltd, London

DEBERT, Guita G (1997) – A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas in *RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, v.12, n°34, pp39-56

FERNANDES, Ana Alexandre (1997) – *Velhice e Sociedade*, Celta Editora, Oeiras.

FRUTUOSO, Dina L. F. (1996) – *A Terceira Idade na Universidade: estudo do campo de representação*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Educação do Rio de Janeiro/ UFRJ

GROISMAN, Daniel (1998) – Asilo de Velhos in *Reunião da associação Brasileira de Antropologia*, 21, Anais, Vitória

GUERREIRO, Patrícia (1993) - *A experiência de envelhecimento e a Universidade para a Terceira Idade da PUCCAMP*, Monografia de conclusão da Licenciatura apresentada à Universidade de Campinas, Campinas: IFCH/UNICAMP

INE (2002) - O envelhecimento em Portugal: a situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas in *Actualidades do INE*, retirado do site www.ine.pt em 11/10/2004

LIMA, Marcelo Alves (1999) - A Gestão da experiência de envelhecer em um programa para a Terceira Idade: A UNATI/UERJ in *Textos sobre envelhecimento* v.2 n.2 Rio de Janeiro.

NAZARETH, M (1996) - Prospectiva do envelhecimento demográfico na UE in *População e Sociedade* n°2, pp 77-96, CEPFAM, Porto

NERI, Anita L. (1991) - Envelhecer num país de jovens: significado de velho e velhice segundo brasileiros não idosos, Campinas, UNICAMP

NAÇÕES UNIDAS (2002) - Relatório da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, ONU, 2002, retirado do site www.un.org em 25/02/2003

VEYSSET-PUIJALON, Bernadette (dir) (1991) - *Etre Vieux*, série « Mutations » n°124, octobre, éditions Autrement, Paris, France.